

A União Mediterrânica de Sarkozy

Paula Domingos . IEEI

É sabido que Nicolas Sarkozy não vê com bons olhos a adesão da Turquia à UE, à semelhança da chanceler alemã, Angela Merkel, que também se opõe à entrada deste país. Assim, prefere apostar numa associação privilegiada com Ancara ou defende a criação de uma União Mediterrânica, em detrimento do alargamento da União àquele país.

O “problema turco” está indiscutivelmente na agenda de Sarkozy, uma vez que, para o actual inquilino do Eliseu, a maior parte do território da Turquia, não faz parte da Europa, mas sim da Ásia Menor. Acredita que alargar tanto as fronteiras irá diluir o projecto europeu. Desta forma, prefere falar de uma “parceria privilegiada” com a Turquia, em vez de a integrar na UE.

Os líderes turcos reagiram mal a esta ideia defendida pelo chefe de Estado francês e lembraram compromissos assumidos por aquele país no passado. “A Turquia é um país que começou as negociações [de adesão] com a UE (...) baseadas numa decisão tomada unanimemente [pela UE] e incluindo a França”, [afirmou](#) o ministro dos Negócios Estrangeiros turco.

Citado pelo [Financial Times](#), Nicolas Sarkozy defende a criação de um grupo que reúna 16 países que fazem fronteira com o Mar Mediterrâneo, aproximando os continentes europeus e africano, que, no seu entender, “estão incontestavelmente ligados”. Neste lote inclui-se a Turquia, a quem atribui um papel importante. Esta instituição ligaria, assim, o sul da Europa a Israel e aos vizinhos árabes.

De acordo com o presidente francês, esta organização de cariz essencialmente económico seria dirigida por uma presidência rotativa, à semelhança do que acontece actualmente com a presidência do Conselho Europeu da UE. A União Mediterrânica [abordaria](#) temas como, energia, segurança, comércio, combate ao terrorismo ou gestão dos fluxos migratórios. Poderia também vir a ser criado o Banco de Investimento Mediterrânico, à imagem do [Banco Europeu de Investimento](#). Esta até poderia acabar por ser uma fórmula para sentar à mesma mesa países desavindos, como Israel e os vizinhos árabes, e discutir questões polémicas como a paz no Médio Oriente.

Sarkozy pretende desenvolver a cooperação regional desta zona do globo. Até porque, não só o Norte de África é um importante ponto de passagem de imigração ilegal rumo à Europa, como também é o local a partir do qual surgem ameaças terroristas islâmicas, sem esquecer que possui importantes reservas de gás natural. Durante a campanha eleitoral, explicou que o Mediterrâneo poderá ser a resposta certa para um Islão dividido entre a modernidade e o fundamentalismo. Apesar de ser uma organização separada da UE, estas poderiam trabalhar em conjunto em instituições criadas para o efeito.

Reacções para todos os gostos

Abertamente contra esta nova União está a Turquia. O responsável do governo turco critica esta iniciativa, encarando-a como uma forma de evitar a adesão do seu país à UE. “A Turquia é um dos países mediterrânicos, mas cooperação ao nível do Mediterrâneo é uma coisa e outra é cooperação no âmbito da Europa”. Como [afirma](#) Egemen Bagis, conselheiro do Primeiro Ministro, até agora, cada país com quem a UE abriu oficialmente negociações tendo em vista a sua posterior adesão, acabaria por efectivamente entrar para o lote dos Estados membros da

União. Ora, se a Turquia se tornar na única excepção a esta “regra”, isto poderá gerar descontentamento no mundo muçulmano.

As [negociações](#) tendo em vista a adesão da Turquia à UE arrancaram oficialmente há dois anos. Contudo, a primeira vez que este país apresentou uma proposta neste sentido, foi em 1959. Actualmente, apesar de o país já ter levado a cabo várias [reformas](#), as conversações entre as duas partes estão [suspensas](#) devido a uma disputa antiga com um dos Estados membros da União, o Chipre. O único capítulo onde as negociações entre a UE e a Turquia já foram encerradas é o que diz respeito à Ciência e Investigação, tendo sido ainda abertas noutros oito assuntos. Ora, como o novo presidente francês é assumidamente contra a entrada da Turquia no lote dos 27, é provável que, quando as negociações entre as duas partes forem oficialmente retomadas, se venha a opor à abertura dos restantes 27 capítulos do dossiê turco.

Mas não se pense que o projecto só tem recebido críticas, até porque há países que o apoiam. Espanha e Israel têm-se mostrado [receptivos](#) a este “Club Med”. Enquanto os espanhóis se mostram entusiasmados, já os israelitas adoptam uma posição mais cautelosa. Madrid vê com bons olhos esta iniciativa e encara-a como uma forma de lidar com problemas que o país – e a região – enfrenta, como a imigração, o terrorismo ou as alterações climáticas. Apesar de se apresentarem, à partida, mais cautelosos, os responsáveis [israelitas](#) estão interessados em ouvir o que Nicolas Sarkozy tem a dizer a respeito da “sua” União Mediterrânica”. Até porque esta poderia ser uma forma de estimular o diálogo entre países que muitas vezes têm dificuldade em conseguir comunicar.

Projecto não é original

A ideia de estimular o diálogo com o Mediterrâneo não é novidade no projecto europeu. Em 1995, a UE lançou o [Processo de Barcelona](#), a fim de estimular a cooperação com os países que circundam o Mar Mediterrâneo. Esta [iniciativa](#), financiada através do programa [MEDA](#), tem três claros objectivos: definição de uma área comum de paz e estabilidade através do reforço de um diálogo político e de segurança; construção de uma zona de prosperidade partilhada através de uma parceria económica e financeira e o estabelecimento gradual de uma zona de comércio livre; e melhorar os laços entre os povos através de uma parceria social, cultural e humana com o objectivo de incentivar a compreensão entre culturas e intercâmbios entre sociedades civis. Foi a partir do Processo de Barcelona que, cinco anos mais tarde, viria a surgir a [Estratégia Comum da UE para a Região Mediterrânica](#), a fim de promover a paz, a estabilidade e a prosperidade na região.

A grande diferença entre o Processo de Barcelona e o projecto defendido por Sarkozy é que, enquanto o primeiro envolve toda a UE, o segundo envolveria apenas os países que fazem fronteira com o Mediterrâneo e, estão, por conseguinte, interessados em estreitar laços com os vizinhos mediterrânicos.

A ideia de criar uma comunidade ou grupo mediterrânico viria também a surgir em Dezembro de 2003, na Cimeira de Tunis, na Tunísia, quando se reuniram cinco países do norte de África – Líbia, Tunísia, Argélia, Marrocos e Mauritânia – e cinco países europeus – Itália, França, Espanha, Portugal e Malta. Esta iniciativa procurava ultrapassar as diferenças culturais e de desenvolvimento, a fim de tornar o Mediterrâneo, num “[mar de paz](#)”.

Ora o projecto de Sarkozy parte desta iniciativa, estende-a a outros países e exclui a Mauritânia. Assim, entre os países que poderiam vir a integrar este projecto contam-se Portugal, Espanha,

França, Itália, Grécia, Chipre, Malta, Turquia, Líbano, Israel, Egípto, Líbia, Tunísia, Argélia e Marrocos.